



ECTOPARASITISMO DE ÁCAROS E PIOLHOS NA CLÍNICA DE AVES DOMÉSTICAS

Sofia Gabriela Drumond Colen^{1*}, Giuliana Vasconcelos Duque Estrada Carvalho¹, Tainá Alane Lopes Fernandes¹, Bruna Machado de Souza¹, Ana Luiza Teixeira Amaral¹, Sophie Missagia Springer¹ e Pedro Henrique Santana².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: sofiacolencol@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma grande diversidade de espécies de aves em seu território, com diversas cores, formas, plumagens e capacidade de canto e imitação diferentes. Devido a essa grande variedade, as aves estão sendo cada vez mais procuradas e desejadas para serem criadas como animais domésticos, além de serem animais de fácil socialização e inteligência. As espécies mais requisitadas são os psitacídeos, como as calopsitas (*Nymphicus hollandicus*) e cacatuas (*Cacatuidae*), em seguida, os passeriformes, como os canários (*Serinus canaria*)³.

Com o aumento desses animais em cativeiro, são necessárias avaliações de rotina e acompanhamento veterinário com o intuito de diagnóstico precoce e atendimento especializado, uma vez que, esses animais podem ser acometidos por patógenos, dentre eles, os ectoparasitas³.

Ainda que o Brasil abrigue uma grande diversidade de aves silvestres, poucos são os estudos sobre seus ectoparasitos¹. Os piolhos, ácaros e pulgas são ectoparasitos, ou seja, parasitas que são encontrados na superfície do corpo do animal. Esses insetos possuem o aparelho bucal adaptado para a mastigação da pele e das penas das aves, alimentando de descamação e secreções encontradas na superfície externa da pele³.

A infestação das aves por esses aracnídeos acarretam em sinais clínicos, abordados adiante, que prejudicam o bem-estar do animal.

Com isso, o objetivo deste presente trabalho é informar sobre ectoparasitismo de ácaros e piolhos na clínica de aves domésticas, uma vez que, esses parasitas podem provocar lesões e alterações comportamentais nesses animais, sendo de extrema importância o diagnóstico e tratamento precoce e eficaz.

METODOLOGIA

A revisão de literatura foi fundamentada em artigos científicos disponíveis na base de dados da Scielo e do Google Acadêmico (scholar.google.com.br), visando informar sobre ectoparasitismo de ácaros e piolhos na clínica de aves domésticas. Para realizar a pesquisa, foram utilizadas as seguintes estratégias de busca: (1) Piolhos em aves, (2) Malófagos em aves, (3) Piolhos em animais silvestres, (4) Ectoparasitas em aves.

RESUMO DE TEMA

Os piolhos mastigadores, também chamados de malófagos, pertencem a ordem *Phthiraptera* e são divididos em duas subordens, a *Amblycera* e a *Ischnocera*, sendo que, a ordem *Amblycera* abrange os piolhos de maior importância na clínica de aves, enquanto a *Ischnocera* tem maior relevância em mamíferos^{2,4,9}.

Existem poucas publicações relacionadas ao levantamento de infestação e prevalência de piolhos de aves silvestres no Brasil^{1,9}.

A dieta destes ectoparasitas é constituída de plumas, penas, secreções e descamações dérmicas do hospedeiro, porém existem levantamentos de comportamento hematófago em algumas espécies. Nesses casos, o piolho retira o sangue da polpa central das plumas em crescimento, ocasionando em feridas na pele do animal acometido¹.

Os ácaros, por sua vez, pertencem à ordem (*Acariformes*) e apresentam três subordens relacionadas às aves, que são: *Mesostigmata*, *Prostigmata* e *Astigmata*, sendo este último grupo o mais abundante dentre os ácaros de aves⁷.

A dieta dos ácaros é constituída de pequenas partículas presas as penas, como por exemplo esporos de pólen e fungos, e óleos. Assim como os piolhos, os ácaros são transmitidos por contato direto do animal parasitado com o próximo hospedeiro⁷.

Dentro da categoria de ácaros que parasitam as aves podemos citar quatro grupos principais, sendo eles os ácaros calamicolas, identificados no interior dos cálamos das penas, os dermícolos, que habitam a superfície e epiderme das aves; os ácaros de penas, presentes nas superfícies dorsal

ou ventral das penas de voo e cauda, assim como nos espaços entre as barbas dessas penas, e os ácaros plumícolas, que vivem nas plumas, que são penas de contorno que recobrem o corpo do hospedeiro^{7,10}. Quanto ao último grupo, a maioria desses ácaros podem coexistir sem concorrência, acarretando no aumento da carga parasitária encontrada em uma mesma ave⁵.

Cada grupo de ave possui sua específica acarofauna, tornando possível estabelecer uma relação co-evolutiva entre parasita e hospedeiro, de maneira a construir uma história co-evolutiva entre o hospedeiro e o parasita que o acomete⁷.

As aves infestadas por esses aracnídeos costumam apresentar inquietação e incômodo, podendo levar, inclusive, o animal a se automutilar devido ao prurido que esses ectoparasitas provocam na pele¹. Tal prurido pode introduzir também quadros de piodermatites, uma vez que os ectoparasitas podem servir como vetores para uma série de agentes patogênicos, incluindo, além das bactérias, protozoários, vírus e filárias^{5,10}. Ademais, podem apresentar quebra e perdas de penas e lesões dermatológicas, levando a alterações na alimentação, tendo como consequência perda de peso e queda na imunidade¹. Tais consequências também podem ser associadas ao fato de que o hospedeiro precisa reduzir a dedicação que teria em necessidades fisiológicas básicas, para tentar combater o parasito. Dessa maneira, o hospedeiro utiliza maior gasto energético do que em condições normais¹⁰. A infestação de ectoparasitas aviários também é associada ao prejuízo do sucesso reprodutivo das aves afetadas, tanto no acasalamento quanto na sobrevivência das crias¹⁰. Ao que diz respeito ao tratamento de piolhos mastigadores e ácaros na clínica de aves, foram relatados terapêuticas com o banho de cipermetrina para infestação por ácaros⁸, e permetrina para piolhos⁶. Entretanto, no Brasil nota-se a escassez de trabalhos relacionados ao uso de substâncias químicas e sua eficácia no controle desses ectoparasitas, assim como orientações de métodos e intervalos de aplicação⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que a ocorrência de ectoparasitas em aves silvestres é frequente na clínica de silvestres e selvagens. Conforme verificou-se uma literatura escassa sobre o tema, vê-se de extrema importância mais estudos sobre os ectoparasitas citados, focados principalmente nas muitas espécies de ácaros de penas ainda não identificadas, juntamente com protocolos de controle e tratamento de ácaros e piolhos. Dessa forma, teríamos mais registros sobre a taxonomia dos ectoparasitas aviários, provendo uma literatura de grande auxílio para o tratamento da avifauna em situações rotineiras da clínica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE OLIVEIRA, Mariana. Piolhos Mastigadores em Aves Silvestres de Fragmentos de Mata Atlântica em Minas Gerais, Brasil. Orientador: ERIK DAEMON DE SOUZA PINTO. 2017. 45 p. DISSERTAÇÃO (CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ZOOLOGIA)) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora, 2017.
2. MARTINS, Isabella Vilhena Freire. Parasitologia Veterinária. 2. ed. atual. Vitória: EDUFES, 2019. 320 p.
3. Gois, L. F. W. de, Carvalho, L. C., Fontenele, R. D. ., Silva, C. L. M. ., Freire, S. M. ., & Melo Evangelista, L. S. de. (2022). Ocorrência de piolhos *Neopsittaconirmus* spp. (Phthiraptera: Ischnocera: Philopteridae) em calopsita (*Nymphicus hollandicus*) no nordeste brasileiro. *Medicina Veterinária (UFRPE)*, 16(2), 81–87.
4. FERREIRA, Maísa de Aquino Campos. Nova espécie e novas ocorrências de piolhos (insecta: Phthiraptera) para o Tocantins, 2017. 22



X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

p. Trabalho de conclusão de curso (CIÊNCIAS BIOLÓGICAS) -
Universidade Federal do Pará, Pará, 2017

5. ALVES, Patrícia Vasconcelos. TRATAMENTO DE INFESTAÇÃO POR MEGNINIA SPP EM CALOPSITA. Ciência animal, Universidade Estadual do Ceará/Brasil, ano 2018, v. 3, n. 3, p. 71-74, 19 out. 2022.

6. Soares L. A.; BatistaL. A. B.; SilvaS. S.; SousaM. S.; CostaV. M. M. Sarna knemidocoptes mutans em aves galliformes no sertão paraibano. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 13, n. 3, p. 51-51, 18 jan. 2016.

7. GABRIEL, Matheus Henrique. Diversidade e taxonomia de ácaros de pena (Arachnida: Acari: Astigmata) em aves no campus da Unesp de Rio Claro. 2019. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro), 2019

8. SoaresL. A.; BatistaL. A. B.; SilvaS. S.; SousaM. S.; CostaV. M. M. Sarna knemidocoptes mutans em aves galliformes no sertão paraibano. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 13, n. 3, p. 51-51, 18 jan. 2016.

9. COSTA, J. N. P., Rocha, F. S. B., Borges, L. da S., Ribeiro, I. M. M., & Mendonça, I. L. de. (2020). Ectoparasitismo por *Struthiolipeurus rhae* (Harrison, 1916) em emas criadas em cativeiro. *Medicina Veterinária (UFRPE)*, 13(4), 482–484.

10. BENTO, Sara Raquel da Costa. Rastreamento de ectoparasitas associados a aves exóticas do Jardim Zoológico de Lisboa. Orientador: JACINTO GOMES. 2017. 92 p. Dissertação de mestrado (Biologia Humana e Ambiente) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

APOIO:

